

Intuicionismo e Expressivismo: o debate Huemer X Singer^{*}

Alcino Eduardo Bonella
(UFU – Uberlândia – MG – Brasil)
abonella@gmail.com

Resumo: Neste artigo apresentamos e analisamos as críticas de Michael Huemer à metaética instável, segundo ele, de Peter Singer, e as respostas oferecidas por Singer. Segundo Huemer, a metaética *não-cognitivista humeana* de Singer muito pobremente se adequa às visões morais e à metodologia ética sustentadas por ele. Singer retruca explicando como seu *não-cognitivismo racionalista* se enquadra numa concepção naturalista da moralidade mais plausível do que o intuicionismo de Huemer. Indicaremos alguns erros que, acreditamos, Huemer está a cometer, e sustentaremos que a eliminação destes erros enfraquece a recusa do expressivismo e a adoção do intuicionismo. A análise das duas perspectivas contribuirá, esperamos, para a compreensão crítica do intuicionismo e do expressivismo.

Palavras-chave: Intuicionismo; Expressivismo; Não cognitivismo.

Introdução

Neste artigo apresentamos e analisamos as críticas de Michael Huemer (2009) à metaética instável, segundo ele, presente em Peter Singer, e as respostas oferecidas por Singer (2009). Grosso modo, Singer assumiu na maior parte de sua obra um tipo de expressivismo metaético, o prescritivismo universal, formulado por Hare, e nesta visão os juízos morais não descrevem fatos morais objetivos, mas expressam avaliações e aprovações/desaprovações. Segundo Huemer, a metaética de Singer muito pobremente se adequa a suas visões morais e a sua metodologia ética. O conteúdo normativo reformista de sua ética prática e o método de confrontar intuições morais aceitas para desafiar a moralidade convencional seriam mais adequadamente sustentados numa outra metaética, em “que alegações éticas são alegações sobre fatos objetivos que nos proveem razões para agir independentes de nossos desejos, e uma em que possuímos consciência intuitiva, intelectual, de alguns destes fatos” (Huemer, 2009: 362). Indicaremos alguns erros que, acreditamos, Huemer está a cometer, erros que aparentemente são comuns em autores que encampam formas de realismo ético, especialmente realistas robustos ou intuicionistas, quanto ao significado e alcance da

metaética expressivista.¹ Sustentaremos que a eliminação destes erros enfraquece a recusa do expressivismo e a adoção do intuicionismo. O próprio Singer, nas respostas a Huemer, tentou mostrar como seu expressivismo é adequado como fundamento de sua ética prática. A consideração e análise das duas perspectivas contribuirão, esperamos, para a compreensão crítica do intuicionismo ético, e das visões realista e expressivista em metaética em geral.

As críticas de Huemer ao expressivismo de Singer

Huemer alega, em suma, que a visão de Singer sobre os conteúdos da ética, por exemplo, sobre a ética do tratamento aos animais ou da assistência aos pobres, não combina com a sua filosofia acerca da natureza dos valores e dos juízos de valor (acerca da natureza dos conceitos ou termos morais tais como *certo* e *errado*, *bom* e *mau*). Singer tem, para Huemer, uma metaética instável. É instável porque Singer também, de forma velada e latente, revela simpatias pelo intuicionismo (que Huemer chama de intuicionismo racionalista). Huemer defende que Singer deve abandonar o seu não-cognitvismo humeano em favor de um intuicionismo racionalista.²

O *não-cognitivismo* de Singer não sustentaria adequadamente a moralidade utilitarista robusta, já que para a perspectiva não-cognitivista, segundo Huemer, os valores e os juízos de valor expressam atitudes, ao invés de enunciar fatos morais objetivos. O *humeanismo* de Singer implicaria, para Huemer, que não há razões sérias e objetivas para agirmos, já que razões para agir seriam essencialmente *desire-dependent* (dependente de desejos). Sem fatos morais e sem independência de nossos desejos, assim parece pensar Huemer, não faria sentido acreditar que a crueldade com os animais seja realmente errada, ou que temos de fato um dever de auxiliar os pobres, pois isto dependeria em última instância de nossas atitudes e desejos subjetivos, ligados a tais ações.

Para se sustentar adequadamente a moralidade singeriana, dever-se-ia adotar o que Huemer chama de *cognitivismo kantiano*, perspectiva na qual, primeiro, há valores objetivos, e na qual, segundo, as razões para agir são independentes dos desejos. Assim, por exemplo, o erro de ser cruel com os animais pode ser afirmado como algo que é realmente um erro (não

¹ Por exemplo, veja SHAFER-LANDAU, 2012, cap. 10.

² Cf. HUEMER, 2009, p. 361; cf. também HUEMER, 2005.

só um erro para mim ou para você), ou seja, uma perspectiva na qual seja possível dizer que o erro de ser cruel é uma verdade moral objetiva, independentemente de quaisquer atitudes que se tenha em relação a isto. Também nesta perspectiva, ter razões para auxiliar os pobres não dependeria de se ter desejos que nos motivem a querer agir assim. Ajudar os pobres, se é um dever moral, é totalmente *reason-dependent*, (dependente da razão). Em terceiro lugar, e acrescentando à perspectiva intuicionista uma epistemologia moral, o *cognitismo kantiano* incorporaria uma concepção de conhecimento moral em que conhecer moralmente consiste em ver certas ações como erradas ou certas³, o que nos dá uma boa razão para acreditar que tais ações são de fato e obviamente erradas ou certas (desde que, claro, ausentes outras bases específicas para se duvidar disto, o que nos faria pensar melhor e talvez revisar nossa opinião, mas ainda apelando para outras visões ou intuições do mesmo tipo). Este conhecimento moral então deriva ultimamente de nossas intuições morais.

Duas das teses centrais de Huemer são, primeiro, que o não-cognitismo de Singer é o mesmo que o emotivismo. Como se sabe, para o emotivismo, dizer que ser cruel com os animais é errado é equivalente a expressar desaprovação a ser cruel, algo como “atirar em animais por diversão, uhhh! Que horrível! Não faça isto!”. Huemer alega então que isso retira toda a força à pretensão de que ser cruel com os animais seja realmente errado, e que tal erro seja uma verdade moral objetiva, uma que oferece a base racional de tal erro. Para emotivistas (e por tabela, para qualquer expressivista), a crueldade seria errada apenas para quem expressa a atitude de desaprovar isto, é errada *porque* alguém a desaprova. Isso acabaria, pensa Huemer, com a alegação normativa de Singer, e dado que Singer é um emotivista, ele não teria como defender senão de maneira instável sua alegação moral. Huemer parece estar assumindo, pela forma com que descreve e critica o emotivismo, que tal metaética é o mesmo que subjetivismo (o que Hare chamou de *old-fashioned subjectivism*), por exemplo, Huemer afirma que expressar desaprovação é manifestar seus desejos ou preferências, relatando, com os juízos morais, que se desaprova, para que outros tenham ciência disto e desenvolvam o mesmo desejo.

A segunda tese central de Huemer diz que o humanismo de Singer é o mesmo que a defesa da dependência das razões morais aos desejos *particulares e subjetivos* de cada pessoa. Ele afirma que em tal humanismo, por exemplo, se eu não experimento um desejo em favor

³ “Ethical intuitions are cognitive, intellectual states in which we seem to directly see things to be good, bad, right or wrong” (HUEMER, 2009, p. 362).

da maximização da utilidade, eu não posso sinceramente dizer que a maximização é correta. Como Huemer acredita que Singer é sincero em suas convicções morais, Singer estaria enunciando crenças morais que ele crê verdadeiras, e não meras emoções e sentimentos morais que ele, Singer, possui. Tomando a sério as convicções morais de Singer, o não-cognitivismo é um mal equipamento ético, e deveria ser abandonado.

Huemer também ataca a resposta de Singer ao problema de “por que ser moral”, e a vê como uma consequência do não-cognitivismo humeano: em Singer, a razão para sermos pessoas morais é em última instância uma razão prudencial, é que assim obtemos uma vida com sentido e mais feliz. Para Huemer, isso é um sintoma de sua teoria *desire-dependent*: a única razão para ser moral é que isso satisfaria preferências que se poderia ter nesta vida. Para ele a teoria de Singer é instável neste ponto. As demandas éticas, ao menos as de Singer, contrariam nossos desejos mais comuns e fortes de atendermos prioritariamente nossos familiares e amigos. Por exemplo, tendemos a gastar nossa renda conosco e não com estranhos, mesmo que sejam estes muito mais pobres que nós. Singer, porém, defende que auxiliar os pobres é um dever moral que está acima de nossas preferências meramente individuais e supérfluas, é um dever que expressa o ponto de vista do universo, expressão que Singer retira de Sidgwick. Mas, se se pergunta por que, afinal, ser uma pessoa que leva a sério a moral ou este ponto de vista do universo, a resposta de Singer seria “porque você encontrará um sentido mais completo para sua vida e será mais feliz”, o que nos levaria, este é o ponto de Huemer, a fortalecer mais ainda nossa reticência em praticarmos a caridade. Qual seria a solução então? Mudar a resposta. E para tanto, novamente, abandonar o não-cognitivismo humeano, adotando o cognitivismo kantiano. A resposta a “por que ser moral?” deveria ser algo como “porque este realmente é o nosso dever”, ou “porque há razões morais objetivas para se adotar o ponto de vista moral e agir moralmente”. Nenhuma razão extra, não-moral, é requerida para se responder à questão, e, assim, que seja moral assistir aos pobres, por exemplo, já encerra a resposta à “por que ser moral?”.

Por fim, Huemer alega que Singer é veladamente um intuicionista, ou, ao menos, um intuicionista latente. Isso se revelaria em seu método de ética. Huemer caracteriza o método de Singer como um tipo de equilíbrio reflexivo: Singer apela para intuições e explora racionalmente sua relação com outras intuições, testa a coerência entre elas, e retira implicações práticas desta análise. A teoria de Singer, todavia, inclui explicitamente uma

recusa do intuicionismo e do apelo a intuições morais: Singer diz que não são confiáveis e são frutos de aculturação normalmente ultrapassada. Isso contraria, segundo Huemer, o apelo constante de Singer a intuições sobre relevância moral, à intuição maior da igual consideração de interesses, e à aplicação de intuições aos casos particulares. Singer apela à intuição da igualdade para tratar do estatuto dos animais, e à intuição da benevolência, para tratar da assistência aos pobres. Tais intuições estão em contraste com intuições como: a maior importância dos humanos em relação aos animais, ou do direito de propriedade. Singer então retira implicações práticas da ideia que deveríamos seguir coerentemente nossas convicções ou intuições morais presentes nos casos citados, usando também o critério mais elevado da igual consideração de interesses, às vezes tratada como maximização das preferências dos afetados. Tais ideias, para Huemer, são intuições morais. Singer, na prática, é um intuicionista, e deveria adotar o intuicionismo racional de Huemer.

Uma crítica comum ao intuicionismo, inclusive feita por Singer, é que ele é uma abordagem conservadora. Huemer discorda. O não-cognitivism seria de fato o conservador desta história. Ele não diz exatamente porquê, mas afirma que não se deve confundir o intuicionismo esclarecido ou racional, com as aplicações malfeitas do método intuicionista: não se usam apenas as intuições morais, mas também informações factuais e ponderações reflexivas cuidadosas; não se aceita nenhum paroquialismo. Criticar o intuicionismo por causa do conservadorismo no uso de intuições morais, seria o mesmo que criticar o uso da observação, na ciência, porque algumas pessoas observam mal (por exemplo, se apegam rapidamente a observações casuais) e não adotam estratégias interessantes para corrigir observações (como o uso de outras observações mais refinadas). A intuição, esclarecida factualmente, é na moral o que a observação refinada o é na ciência. Para que a moral seja como a ciência, e possa estar atenta a rever teorias de modo progressista, deveríamos ser intuicionistas. Esta é a opinião de Huemer.

As respostas de Singer e a defesa do expressivismo

Singer discordou de Huemer, e respondeu aos desafios da seguinte maneira. Em primeiro, ele admitiu que sua metaética não tem senão um compromisso nuançado em relação

à objetividade moral, mas que tal compromisso tênue é suficiente. A objetividade moral que não teria nenhum estatuto ontológico, mas um meramente metodológico e, ao contrário do intuicionismo de Huemer, não carregaria para dentro da visão de realidade, uma suposta realidade moral objetiva. Singer não entende que tal visão nuançada da objetividade impeça que façamos juízos morais sérios com pretensão de serem objetivos no que pedem a nós. Dizemos que é errado maltratar animais do mesmo modo que dizemos que é errado não ajudar os pobres, e vice-versa, mas estes juízos não dizem senão o que pensamos que se deve fazer, ao contrário de juízos como animais sentem dor, ou há pessoas com fome no mundo. Os segundos dizem respeito à realidade, mas não os primeiros. Mas então, o que se segue disto? Que dizem o que pensamos não significa que o que pensamos é o que torna tais juízos válidos! Singer realmente pensa que é mais sensato olhar juízos morais como prática normativa comum, ligada à vida social de grandes primatas inteligentes e sociais que somos, uma prática essencialmente natural e nada misteriosa, que foi gerada pelas forças evolutivas. Mas a inteligência (racionalidade) propiciada também pela evolução, quando aplicada aos assuntos práticos e morais, deu-nos um tipo de pensamento e de discurso, o discurso moral, que usamos em nossas reflexões e em nossas deliberações práticas para tratar seriamente do que fazer. Tal forma de pensamento nos desafia a transcender limites morais muito paroquiais e o egoísmo natural. Antes dizíamos que era errado maltratar membros de nosso grupo, eles eram iguais a nós, mas então aos poucos compreendemos que outros membros de outros grupos também eram iguais a nós, ou, como no exemplo em tela, que animais também sofrem como os humanos, e por isso, merecem não ser tratados com crueldade. Não há nada de misterioso nisso, mas não há nenhum subjetivismo ou niilismo nisso também. Podemos salvar a pretensão de que seja realmente errado maltratar animais, sem carregar tal pensamento com a ontologia de fatos morais *sui generis* que Huemer alega necessária.

Pensar que no fundo há apenas isso, a vida social e um tipo de discurso que ajuda a deliberar, não é o mesmo que afirmar que a moral, em seu conteúdo, é relativa a nossos desejos particulares e que o discurso visa apenas expressar nossas atitudes. Assim, em segundo lugar, Singer discorda que a visão naturalista da moral o comprometa com um tipo de não-cognitivism (como o do emotivismo) em que não há espaço para a razão e para a objetividade moral. A razão é parte do nosso modo de pensar e de discursar moralmente quando tal modo e tal discurso nos compromete a tratar todos os casos idênticos de maneira

idêntica, e, dado que, em moral, tratamos com modos de agir, a pensar se estamos a agir de modo consistente. Não há fatos morais nem conhecimento especial destes fatos (conhecimento moral), mas há duas disciplinas para o que se pode dizer e pensar, na moral, a disciplina factual, de se levar em conta os fatos (naturais), e a disciplina lógica, de se levar em conta a consistência ao querermos agir de uma dada maneira: o que são os fatos é algo em tese algo independente do que pensamos subjetivamente; o que se deve fazer diante destes fatos também é algo em tese independente do que meramente desejamos em termos individuais ou grupais, um dever pode desafiar-nos a que mudemos nossos padrões, a que não adotemos padrões contraditórios, ou a que criemos padrões para situações novas. Nada disso nos limita ao que desejamos subjetivamente.

Em terceiro lugar, Huemer não compreendeu, segundo Singer, a relação entre razão e motivação, e por isso interpreta mal o problema “por que ser moral?”, que é um problema dentro da psicologia moral, relativamente desligado do problema “por que agir de um modo ao invés de outro?”. Huemer não entendeu que o problema é um problema tanto para não-cognitivistas quanto para cognitivistas: não-cognitivistas ainda têm de convencer as pessoas a usarem o discurso moral intrinsecamente motivante, e cognitivistas têm de convencer as pessoas a traduzirem seu conhecimento moral em motivação para agir, já que conhecer não motiva. Não se trata simplesmente de convencer que os desejos são melhor servidos se se adota a moralidade, e, dado que agimos apenas impulsionados por desejos, motivarmo-nos a agir. Para Singer, a vida ética nos propicia ir além de nossos ideais e compromissos exclusivamente individuais e egocêntricos, e por isso merece nossa consideração como seres racionais. Obter um sentido mais amplo para a vida e para a felicidade própria não significa vincular a moralidade aos desejos individuais ou grupais. Mas obviamente, para Singer, este motivo não é uma razão moral: para Singer perguntar por que ser moral é pedir razões para se adotar o ponto de vista da moral, e, logo, não faria sentido oferecer respostas morais a tal pergunta.

Em quarto lugar, Huemer não percebeu que mesmo intuições esclarecidas não *cultural-dependent* (dependente de uma cultura específica) e são parte de nossa herança evolutiva, podendo ainda serem inadequadas moralmente dependendo das circunstâncias, que podem estar alteradas em relação ao passado evolutivo em que foram geradas e consolidadas. Neste último sentido, o intuicionismo, mesmo revisionista, ainda é conservador, ou mais

conservador do que alternativas não-cognitivistas, que estão abertas radicalmente à revisão de opiniões e atitudes morais. As intuições, geralmente comuns e não controversas, ainda podem ser nada mais que os preconceitos de época, e nos apegarmos a elas, algo que nos tolhe na busca por mudanças. Já as atitudes, mesmo que sejam preconceitos de época, podem ser abertamente desafiadas por atitudes totalmente novas, sem vínculo com intuições quaisquer, quanto a sua pretensão ou quanto a sua justificação. Obviamente quanto a sua gênese, e quanto a explorarmos racionalmente nossas possibilidades, assim como quanto ao modo em que organizamos nossa vida moral em termos psicológicos e práticos, as intuições são metodologicamente necessárias. Mas não tem papel fundacional, mas meramente prático: elas não julgam ou decidem conflitos, por exemplo, para isso temos de apelas para outros métodos de prova.

Singer, em suma, ataca o que entende ser uma extravagância metafísica de Huemer, a ideia de que há uma realidade moral objetiva ao lado (talvez acima) da realidade meramente natural, e que a correspondência de nossas alegações éticas a tal realidade seja a fonte da verdade moral. Há um movimento, similar ao de Huemer, feito por Shafer-Landau (2004). Ele escreve que a resposta correta para a pergunta “de onde vêm afinal os princípios morais?” é, simplesmente, “da realidade moral”, assim como as leis naturais e os fatos naturais provêm da realidade natural. É assim que escaparíamos, de um lado, do niilismo (onde Shafer-Landau coloca o expressivismo)⁴ e do relativismo, pois as opiniões éticas possuiriam uma base objetiva que não a mera opinião individual ou social. Mas então a realidade moral seria como a realidade de estrelas e planetas. Isso parece mesmo algo extravagante. Pode ser que a realidade que exista seja apenas a natural, e a moralidade uma simples parte da vida social dos mamíferos superiores, que inclui, no caso dos humanos, a capacidade da razão. A objetividade moral, caso exista, depende, e esta é a concepção de Singer, apenas do uso da razão e do conhecimento dos fatos.

Para Huemer, como para Landau, é como se houvesse apenas duas opções: ou existem fatos morais, para que a verdade moral possa existir, ou não existem fatos morais, e estaríamos presos às meras opiniões individuais e sociais. Mas esse é um falso dilema, há uma terceira alternativa: existem razões morais objetivas ou ao menos relativamente imparciais que nos constroem, pela aplicação do raciocínio e do argumento morais e pelo

⁴ Cf. Shafer-Landau, 2012

conhecimento dos fatos (o conhecimento dos efeitos das ações sobre os afetados), a apoiar certas visões e atitudes, mais coerentes e imparciais do que outras, menos coerentes e menos imparciais, quando comparamos ambas.

Apreciação crítica

As respostas de Singer parecem superar os desafios postos por Huemer, pois justificam razoavelmente bem a perspectiva expressivista, incorporando boas possibilidades epistemológicas e metodológicas que o intuicionismo racional de Huemer parece propiciar. Singer oferece, além disso, uma explicação e um formato filosófico não extravagantes (ou menos extravagantes) da realidade moral, junto a uma visão econômica, operacional, e motivacional, de objetividade moral. No intuicionismo, tudo seria mais difícil de explicar. A existência de uma realidade de fatos morais pode ser posta em dúvida de uma maneira mais incisiva do que a existência da realidade dos fatos naturais, e uma primeira tarefa para um intuicionista seria provar que tal realidade exista. Mas mesmo que isso fosse o caso, haveria o problema do acesso humano a tal realidade, a nossa capacidade cognitiva de conhecer os fatos morais como fatos. Por fim, como provavelmente haveria alegações divergentes sobre fatos morais, haveria o problema de como resolver disputas entre interpretações em conflito. Vimos que Singer sugere uma visão naturalista da moralidade, uma que a vê como parte da evolução dos primatas superiores, que usam sua inteligência e modos variados de organizar sua vida em grupo, de modo que os fatos naturais em que estão envolvidos podem ser avaliados e apreciados valorativamente, mas os valores nada mais são do que uma forma de discurso, pensamento, e sugestão de ação. O que há de factual é a existência deste tipo de discurso e pensamento, mas ele não é senão um instrumento mental e social, em nada precisaria de uma realidade moral misteriosa.

No emotivismo de Stevenson, juízos morais expressam atitudes e, apesar de terem também significado descritivo, possuem este significado emotivo extra como aquele que lhes dá seu sentido e sua força prática. Por serem emotivos, não possuem uma lógica, e a razão não pode desempenhar senão um papel secundário. Singer adotou sempre, porém, uma forma racionalista de não-cognitivism, o prescritivismo universal de Hare. Juízos morais,

descritivos aparentemente, seriam, de fato, preceitos universalizáveis. Como preceitos, possuem significado não descritivo. Um preceito não é falso nem verdadeiro em seu conteúdo normativo, assim como um imperativo simples não é nem falso nem verdadeiro. Mas como preceito universalizável, o que se deriva do uso de termos morais como *certo e errado, bom e mau*, ele implica uma disciplina lógica: todas as situações idênticas em suas propriedades descritivas universais (propriedades naturais), devem ser avaliadas com o mesmo preceito, e não é possível que haja preceitos válidos diferentes para duas situações exatamente similares em suas propriedades descritivas universais. Nesta lógica está o lugar da razão na ética, mas não há fatos morais, nem verdade moral como correspondência a tais fatos. Isso não significa que preceitos morais sejam subjetivos em sua pretensão de valer em todas as situações similares. Podemos obter uma justificação sólida, racional, para o desafio de que se deve ajudar os pobres, caso se tenha recursos para gastar com o supérfluo, pois isso é o que queremos que se faça a nós se estivéssemos na pele dos necessitados, sem desejar ou exigir que tal justificação seja um tipo de cognição de fatos especiais, como o fato de que há um dever objetivo de auxílio, captado pela nossa faculdade moral.

Uma vantagem da visão naturalista da moral, como prática social, e do discurso moral, como expressão de preceitos universalizáveis, é acomodar e explicar a motivação para agir: dado que juízos morais são preceitos que queremos (ou precisamos) ter e queremos (ou precisamos) aplicar, e dado que o juízo moral é essencialmente uma forma prática de exortar (é uma orientação de conduta), torna-se natural que eles servem para gerar motivação para que se aja de uma dada maneira. Isso se torna misterioso no intuicionismo. Como é que descrever fatos ou conhecer uma realidade objetiva teria alguma ligação essencial com a conduta e com a motivação? A cognição envolvida aqui envolveria no máximo como nos conduzir cognitivamente, e mesmo assim, não implica nenhuma motivação cognitiva, em si mesma. Para isso se precisa exatamente de um discurso que envolva gerar motivação, o discurso valorativo, com outro tipo de semântica. Reduzir o significado e a semântica dos termos morais a termos descritivos, mesmo que a descrição de fatos morais, exclui esta dimensão, e parece impedir a função motivacional do discurso moral.

Como conclusão sugere-se que se fique atento à identificação errônea entre não-cognitivismos, e subjetivismo simples (reportar as opiniões e atitudes que se tem) – assim como entre ele e o niilismo (a tese de que não há nenhuma objetividade ou verdade morais possível); à redução

errônea de todo não-cognitivismo ao emotivismo, excluindo as versões racionalistas de expressivismo (como o prescritivismo universal); à visão errônea de que há apenas a objetividade como correspondência a fatos (há a objetividade como racionalidade), e que, por isso, ou se é intuicionista, ou não se pode mobilizar nenhuma base objetiva em favor de juízos morais sérios com pretensão universal; e à suposta necessidade de se aceitar visões morais imediatas do certo e do errado – as intuições morais – para se obter objetividade moral. Este último ponto, porém, não foi adequadamente explorado neste artigo, assim como uma análise mais abrangente de como acomodar o intuicionismo dentro do não-cognitivismo racionalista. Recentemente Singer adotou um tipo de racionalismo e objetivismo mais próximo do tipo de cognitivismo kantiano de Huemer⁵, o que deixa tudo mais complicado, e aberto a reexame do que afirmamos aqui.

Referências:

HUEMER, M. “Singer’s Unstable Meta-Ethics”. In: SCHALER, J. A. *Peter Singer Under Fire*. Chicago, Open Court, 2009.

_____. *Ethical Intuitionism*. New York: Palgrave MacMillan, 2005.

LARAZI-RADEK, K. & SINGER, P. *The point of View of the Universe*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SHAFER-LANDAU, R. *Whatever Happened to Good and Evil*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____. *The Fundamentals of Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SINGER, P. “Reply to Michael Huemer”. In: SCHALER, J. A. *Peter Singer Under Fire*. Chicago: Open Court, 2009.

_____. (2005). “Ethics and Intuition”. *Journal of Ethics* 9:3-4 (October 2005), pp. 331-352.

Intuitionism and expressivism: the Huemer-Singer debate

⁵ Cf. LAZARI-RADEK, K.; SINGER, P. , 2014

Abstract: In this paper it will be presented and analyzed the debate between Michael Huemer and Peter Singer about meta-ethics. Huemer argued that Peter Singer's humane non-cognitivism poorly fits his moral and methodological views. Singer replied that his rationalist non-cognitivism fits well in a naturalist view of morality more plausible than Huemer's intuitionism. Some mistakes of Huemer will be indicated, and it will be claimed that the elimination of these mistakes weakens intuitionism and strengthens expressivism. The analyses will help to understand well intuitionism and expressivism in meta-ethics.

Keywords: Intuitionism; Expressivism; Non-cognitivism

Data do registro: 31 de agosto de 2015

Data do aceite: 18 de novembro de 2015

* Agradeço aos organizadores do I Colóquio Internacional de Teorias Éticas Contemporâneas da Universidade Federal de São João del-Rei, em 2015, onde uma versão deste trabalho foi debatida, pela gentileza do convite e pelo custeio da viagem e estadia. Este trabalho também contou com o fomento do CNPQ (PQ 309137) e da FAPEMIG (APQ 01660), a quem também agradeço.